

FIGURAS HEROICAS NO *HORTO DO ESPOSO*

HEROIC CHARACTERS IN *HORTO DO ESPOSO*

Elisa Nunes Esteves*
ene@uevora.pt

Abundam no *Horto do Esposo* pequenas histórias, de natureza exemplar, protagonizadas por personagens de perfil heroico. Tendo em conta a natureza da obra e a vocação eminentemente didática da sua escrita, faz sentido que o discurso doutrinário se apoie em argumentos credíveis e em exemplos prestigiados. Daí o recurso muito frequente a pequenas narrativas marcadas pela vivacidade das aventuras e pela excelência dos seus heróis. Muitos deles são reis, têm por isso uma configuração específica dentro do vasto mundo dos heróis: o sopro épico que os anima e os traços cavaleirescos que os distinguem combinam-se com valores e qualidades espirituais superiores. Propomos apresentar um breve estudo sobre a especificidade das figuras heroicas no *Horto* e a morfologia das suas aventuras, recordando o prosador anónimo cisterciense do final do séc. XIV, que se deixou tomar pelo “prazer de narrar” (Rossi, 1979).

Palavras-Chave: *Horto do Esposo*, heróis, *exempla*, aventura

In *Horto do Esposo* there is an abundance of small stories of exemplary nature starring characters with a heroic profile. Given the nature of the work and the eminently didactic vocation of its writing, it is only logical that the doctrinal discourse rests on credible arguments and prestigious examples. Thus the frequent use of short narratives marked by the liveliness of the adventures and the excellence of its heroes. Many of them are kings, with a specific configuration in the vast world of heroes: they combine epic values with spiritual qualities. We propose to present

* Departamento de Linguística e Literaturas, Universidade de Évora / Centro de Estudos em Letras (CEL UTAD-UÉ), Portugal.

Com base na comunicação apresentada no Colóquio Internacional *Figuras do herói. Literatura, Cinema, Banda Desenhada*. Universidade do Minho, 26 a 28 de abril de 2012.

a brief study on the specifics of the heroic figures in *Horto* and the morphology of their adventures, remembering the anonymous Cistercian prose writer of the end of the 14th century, who was taken by “the pleasure of narrating” (Rossi, 1979).

Keywords: *Horto do Esposo*, heroes, *exempla*, adventure

E por em maior prol trage ao homem o nome de temeroso como a lebre ca o nome de ardido e bravo come leon.

Horto do Esposo

A obra que me propus estudar tem uma orientação doutrinária claramente afastada de heroísmos, feitos de armas, guerras, preferindo a humildade à coragem destemperada e ao atrevimento, o que não augura, aparentemente, grandes probabilidades de sucesso no tratamento do tema anunciado no título.^[1] Salva-nos nesta demanda, contudo, a ocorrência pontual de *exempla* onde se concede a oportunidade a alguns heróis para mostrarem as suas façanhas. Terá sido talvez uma bondosa cedência do autor aos desejos da primeira destinatária da obra, que lhe pedira explicitamente “ũu livro dos factos antigos e das façanhas dos nobres barões” (*Horto*: 3) que lhe permitisse uma leitura recreativa e prazenteira nos dias de descanso. Avisa, contudo, o cisterciense que os assuntos seculares e profanos não conduzem ao amor de Deus e por isso o livro falará sobretudo “das façanhas e dos exemplos dos sanctos homões” (*Idem*, 5).

O *Horto do Esposo* é agora uma obra de fácil acesso depois da edição crítica de Irene Freire Nunes, coordenada pelo Prof. Helder Godinho e publicada no final de 2007. Antes, tínhamos que recorrer à edição de Bertil Maler, publicada no Rio de Janeiro em 1956. Ambas se basearam em duas versões integrais do texto (nenhuma é a original), dois manuscritos alcobacenses da Biblioteca Nacional de Lisboa, um redigido na primeira metade do séc. XV e o outro nos finais deste mesmo século.

No lapso de tempo que medeia entre as duas iniciativas de trazer a público esta importantíssima obra do nosso património cultural e literário da Idade Média está a descoberta, na Torre do Tombo, de fragmentos desconhecidos da obra, em pergaminho, provenientes do Mosteiro de Santa Maria de Lorvão e que poderão sugerir a existência de um terceiro manuscrito. Foram descobertos por Arthur Askins, em Junho de 1997, Harvey

1 Faremos todas as citações do *Horto do Esposo* a partir da edição crítica de 2007 e usaremos o título abreviado da obra como referência.

Sharrer e Aida Fernanda Dias, em Julho de 1998. Estes fragmentos foram publicados em 2002, em transcrição e reprodução fotográfica (Askins & Dias & Sharrer, 2002).

Nada se apurou sobre a identidade do autor do *Horto* para lá da tese defendida por Mário Martins, já em 1948, de que se trata de um texto escrito originalmente em língua portuguesa (e não de uma tradução) por um monge da abadia cisterciense de Alcobaça. A tese foi corroborada por Bertil Maler, que adiantou ainda a convicção de que, tendo em conta a identificação das fontes em que o mesmo se baseou, estamos perante um autor culto e que tinha por certo ao seu dispor uma biblioteca bastante rica e variada. Uma referência única na obra a factos políticos contemporâneos, nomeadamente o período conturbado que se viveu em Portugal depois da morte de D. Fernando, levou também Mário Martins a apontar o período entre 1383 e as primeiras décadas do séc. XV como o que corresponde à sua composição. Estaria certamente concluído antes de 1438, data da morte de D. Duarte, uma vez que já consta do inventário da sua biblioteca.

Os estudos sobre o *Horto* insistem sobre a receção favorável que a obra terá tido no seu tempo, a avaliar pelas informações, não muito abundantes é certo, sobre a existência de códices em instituições religiosas mas também em bibliotecas particulares. José Mattoso identificou a aquisição de um exemplar do *Horto do Esposo* pelo mosteiro de Bouro entre 1408 e 1437 (Mattoso, 2002: 289-290); a descoberta dos fragmentos da Torre do Tombo coloca a obra também no mosteiro de Lorvão. Temos alguns dados seguros sobre o conhecimento da obra por parte de duas ilustres figuras da elite intelectual portuguesa da primeira metade do séc. XV, o rei D. Duarte e o seu sobrinho, o Condestável D. Pedro (Maler, 1964: 24; Fonseca, 1982: 297, Mattoso, *ibidem*). Sobre as razões desta difusão, tem sido enfatizado sobretudo o seu carácter didático e a sua natureza doutrinária orientada para um “público simples” (Pereira, 2007: LVII).

É seguramente verdade que a escrita no *Horto* tem uma vocação eminentemente didática e que o discurso doutrinário se apoia em argumentos credíveis e em histórias de natureza exemplar colocados ao serviço de uma explícita intenção edificante. A obra parece ter sido apreciada, contudo, muito para além dessa vertente de vulgarização e de simplificação hermenêutica das fontes, tal como o seu autor prevê no Prólogo, afirmando que o livro servirá a destinatários de qualquer condição, incluindo sábios e estudiosos. Adão da Fonseca, no seu estudo sobre o Condestável D. Pedro, aponta o apreço que obras como o *Horto* e outras relacionadas com

o mosteiro de Alcobaça mereceram na corte portuguesa até ao tempo de D. Afonso V, pela sua temática, valores e espiritualidade.

Também se lamenta, de forma recorrente, que o monge tenha ignorado a realidade que o circundava, “um homem que mostra na sua obra pouquíssimo interesse pela sua época e que por isso não nos ensina nada sobre ela. (...) Só por acaso deixa escapar – felizmente para nós – a alusão que nos permite datar o livro.” (Maler, 1964: 23). Em primeiro lugar, o *Horto* não está concebido como uma crónica, nem o seu autor parece ser um homem que viva próximo de ambientes laicos, dominados pelos sucessos imediatos da política e da sociedade. Devemos reconhecer, como Gouveia Fernandes, que o autor do *Horto* viveu “refugiado no mosteiro, mas nem por isso [deixou] de observar atentamente a agitação do século” (Fernandes, 2001: 100), referindo-se em concreto ao acontecimento que parece ter tido maiores reflexos e implicações no seu tempo, a crise gerada pela morte do rei D. Fernando. A ênfase nessa passagem do *Horto* tem deixado na sombra e no esquecimento a referência que, no mesmo contexto, se faz a acontecimentos da história de Castela (Livro IV, cap. XLIII).^[2] Não podemos deixar de notar como estes comentários, ainda que breves, são reveladores dos horizontes alargados ao âmbito peninsular através do olhar abrangente da realidade que une, sob o signo da instabilidade e da incerteza, toda a Península Ibérica naquele período, para onde se transferiram também as hostilidades entre a Inglaterra e a França no âmbito da Guerra dos Cem Anos.

Embora não seja esse o seu foco principal, o monge cisterciense não está alheado do seu tempo, um tempo que lhe inspira uma escrita que nos seus propósitos pedagógicos se propõe demonstrar como tudo neste mundo é efémero e incerto. Agora, como no passado, não se escapa ao capricho da Fortuna e os mais trágicos exemplos são os daqueles cuja vida se reparte entre os extremos: a mudança do mais alto estado para a condição mais indigna. Daí que recorra com frequência a figuras exemplares marcadas pela sua condição social, reis, imperadores, príncipes, marcados pela arbitrariedade da Fortuna: “Por em Boecio, falando do estado dos rex que parece mais firme, diz assi: Cheos som os tempos antigos e os tempos d’agora de enxemplos de muitos rex que a sua bem aventuração foi mudada em grande mezquindade.” (*Horto*: 236).^[3]

2 Cremos que se refere às disputas pelo trono que opuseram dois irmãos e a morte trágica, em 1369, de Pedro I às mãos de Enrique de Trastámara, com graves consequências sociais e políticas nas décadas seguintes.

3 A relevância deste tema no *Horto* foi sublinhada por Paulo Alexandre Pereira no estudo introdutório da última edição crítica da obra (cf. Pereira, 2007: LXXI-LXXII).

São mais eficazes do ponto de vista persuasivo os *exempla* protagonizados por figuras históricas, mas o autor não despreza outras personagens cuja força retórica provém da reconhecida qualidade cultural associada à sua criação. Refiro-me em particular à recuperação de matérias literárias da Antiguidade clássica, como é o caso de Ulisses e de Hécuba. Sobre esta heroína da lenda troiana recorda-se que foi por muito tempo rainha de Troia e caiu no cativeiro e na servidão depois de chegar à velhice (*Idem*, 174).

Da Antiguidade chegam também os exemplos históricos, mais fortes em credibilidade, em particular os ligados à história de Roma: Viriato, Vespasiano, Cipião, Aníbal, Trajano, Júlio César. E também Alexandre Magno, talvez a figura heroica mais importante da obra, aqui retratada sobretudo a partir dos confrontos com os reis orientais Dario e Poro, dos quais sai sempre vencedor, mesmo quando os combates são desproporcionados. É nesses casos que a sua figura se reveste de expressivos contornos épicos, glorificando-o como guerreiro inigualável (*Horto*: 174). Mas as virtudes de Alexandre excedem esta sua faceta militar. Assim, vemo-lo em combate singular com o rei Poro, que vence, ferindo-o e derrubando-o do cavalo. Mas poupa-lhe a vida por generosidade, dando assim testemunho da sábia educação e dos valores que lhe foram incutidos pelo seu mestre, Aristóteles (*Idem*, 63).

Dario morreu depois de um combate com Alexandre, vítima da traição dos seus servos. Alexandre vingou e chorou a sua morte, prestou-lhe as últimas homenagens, ainda que fosse seu inimigo, mostrando “grande bondade de justiça” (*Ibidem*). A sua qualidade como herói ultrapassa a virilidade guerreira, está também na sua formação espiritual.

O perfil heroico de Alexandre traça-se ainda a partir da sua relação com o ouro e com as riquezas de um modo geral. Tem a noção clara de que a riqueza pode ser fatal para os guerreiros, entorpecendo a sua energia, atrofiando a sua força, por isso diz aos soldados: “Enquanto vos nom haviades riquezas nom havia gente que podesse empecer-nos mas, depois que fostes carregados de ouro e de prata, fostes factos preguiçosos e deleixados” (*Idem*, 131). Mas, por outro lado, não abdica ele próprio das riquezas conquistadas. A prosperidade económica é incompatível com a função guerreira, mas não com a função de soberania. É assim que encontramos referências aos tesouros que rei Poro distribui generosamente e que ele aceita: “E por em mostrou-lhe rei Poro todos seus tesouros, que tiinha escondidos e fez rico Alexandre e seus cavaleiros daqueles tesouros” (*Idem*, 63). O tesouro está sempre associado à figura do rei, como nos diz Duby:

Toujours le palais des souverains avait abrité un trésor, une collection d'objets précieux, brillants, étranges, que l'on disposait aux grandes fêtes autour de la personne du lieutenant de Dieu, comme une lisière d'étincellement entre lui et le reste des hommes (...). À ces bijoux s'ajoutaient des livres puisque la première des vertus royales était la sagesse, la faculté de percer les mystères d'une Écriture. (Duby, 1979: 49-50)

O rei precisa, assim, de se rodear de um tesouro que evidencie o seu poder e que lhe permita ser generoso. Dele podem fazer parte os livros mas também as mulheres, eventualmente roubadas ou conquistadas.^[4] No *Horto* uma das vitórias de Alexandre sobre Dario arrasta para o cativo a mãe e a mulher do rei persa, que daria por elas metade do seu reino, uma troca que Alexandre nunca aceitou (*Horto*: 175).

A esta face luminosa do guerreiro forte e justo junta-se em Alexandre a do soberano. Um rei, normalmente, não ascende à realeza antes de ser armado cavaleiro, isto é, antes de atingir o grau supremo na ordem da cavalaria. Mas esses não são os únicos valores para se atingir a realeza. A inteligência, a sabedoria, a indulgência e a segurança, a generosidade são, entre outros, os atributos de um soberano. A espada cede lugar a outros instrumentos próprios desta função: o cetro, o trono, a coroa, o manto. O poder do rei não é apenas militar, é o de regulador da Ordem. Alexandre vê o seu poder estender-se a todo o mundo e no *Horto* ele surge-nos em toda a majestade, exercendo o seu poder a partir do trono, elevado e central:

Outrossi el-rei Alexandre o Grande veeo aa cidade de Babilonia. E estando ali, veerom-lhe messegeiros das provincias de todo o mundo. Ca de Cartago e de Africa veerom a ele messegeiros pera lhe obedecerem e de Espanha e de França e de Cicilia e das partes de Italia. Tam grande foi o temor que houverom os poboos do Occidente de Alexandre, que andava no Oriente, que de todo o mundo lhe mandavam subjeçom e obediencia e de tam estranhas e tam alongadas terras que adur era de creer que podessem chegar novas de seus factos. Estando Alexandre em esta tam grande gloria deste mundo, perdeo todo mui tostemente, ca seus servidores lhe derom ali peçonha, com que morreo. (*Horto*: 109)

E aí temos a ilustração da tragédia a que nem os mais poderosos escapam: Alexandre, que atingiu o auge do poder e da glória, morreu traído pelos seus, como Dario e Viriato.

4 Abordámos a questão da importância do ouro, dos livros e das mulheres na composição da imagem do rei no pequeno estudo *Da imagem do Rei no Orto do Esposo* (Nunes, 1987).

Este é um eixo fundamental na definição do percurso vital das personagens do *Horto*. Assume particular importância a intervenção da Fortuna no caso daquelas cuja queda é mais imprevisível e inesperada. O tema é tão relevante que no seu esforço para atingir a maior eficácia persuasiva o autor recorre a imagens diferentes para ilustrar o conceito. Dessas, destacamos três que nos pareceram as mais sugestivas. Em primeiro lugar, a inevitável comparação com a roda para expressar os vaivéns da vida e da sorte:

E assi podedes entender como a boa andança do mundo é vã e mudadiça. Ca assi como aquele que see sobre a roda aas vezes cae em baixo e aas vezes é posto em alto, segundo se move a roda, bem assi faz a fortuna do mundo: aas vezes abaixa os grandes e aas vezes exalça os baixos. (*Idem*, 124)

Tradicionalmente a Fortuna é comparada à roda, mas a imagem pode ser mais completa, com a representação também de uma mulher. O monge cisterciense não ignoraria essa tradição e também ele nos apresenta a associação da instabilidade da Fortuna ao feminino, apoiando-se numa fonte que só à primeira vista pode parecer inesperada neste contexto, o poeta Ovídio:

Ûu grande poeta que chamam Ouvidio, em ùu livro dos Enganos da Fortuna, figura e pinta a fortuna em esta guisa: ùa fegura de molher que tem na mão seestra duas flores, scilicet, ùa rosa seca, porque a fortuna da boa andança deste mundo tostemente trespassa. Outrossi tiinha em na mão ùa flor de lilio a que caíam as folhas. (*Idem*, 325)

É uma bela figuração, uma mulher, não com uma roda, mas segurando duas flores, ambas em declínio. A imagem marca de modo redundante e portanto reforçado, a inexorável mudança a que estamos sujeitos, entre a prosperidade e a decadência. Tudo neste quadro sugere fragilidade, beleza efémera, promessa de dissolução.

Mas o nosso autor encontra ainda um outro símile, uma terceira imagem para mostrar a instabilidade da Ventura, que aqui substitui a Fortuna:

Nom queiras confiar em na paz e em no assesego da ventura, ca o mar em ùu ponto se avolve, e em ùu dia meesmo, em que os navios andaram assessegados e com prazer, em esse mesmo dia se alagarom. Ex que frefre-mosa comparaçom do mar e da ventura que faz perder o assesego e a paz do coraçom e faz alagar a primeira alegria. (*Idem*, 197)

O contexto em que se insere a comparação sugere que a mesma se atribui a Séneca, mas o que aqui nos parece mais relevante é percebermos que estamos perante um escritor, alguém que conhece bem o valor das palavras e para quem estas não têm um valor meramente instrumental. O espanto do sujeito do discurso perante a beleza desta comparação dá bem a medida do seu apurado sentido estético, da sua vocação literária, como hoje diríamos.

As aventuras heroicas não merecem um grande desenvolvimento narrativo, com algumas exceções, porque, como dissemos no início, a obra faz uma apologia da *cavalaria do céu* em detrimento da *cavalaria secular*, e assim o discurso é contido nas façanhas e mais aberto na exploração das virtudes e valores espirituais. Gostaríamos de terminar com a referência a um episódio que ganhou maior visibilidade que qualquer das outras pequenas narrativas do *Horto* depois de ter sido fonte de inspiração de Jorge de Sena para a sua novela *O Físico Prodigioso* (1979). Luciano Rossi chamou-lhe *novela arturiana* porque o *incipit* nos remete para um prometedor relato de aventuras: um jovem que encontra e consola três donzelas chorosas às portas de um castelo habitado apenas por mulheres. Na verdade, o protagonista desta narrativa – “filho de ùu rei”, “fremoso”, “grande físico” e “virgem” (*Horto*: 40) – assume o papel de herói libertador, mas os meios a que recorre não são os dos cavaleiros andantes. Oferece o seu sangue casto, de virtudes terapêuticas, para curar a senhora do castelo e com o dom da palavra resgata da cova escura os cavaleiros mortos, devolvendo o equilíbrio e a ordem àquela comunidade. Este herói parece ser um dos que têm condições para inverter a dinâmica da Fortuna, restaurando o bem perdido. Ao serem devolvidos à vida, os cavaleiros do castelo imploram ao mancebo: “Vem trigosamente e dá a nós as doas que perdemos em outro tempo.” (*Ibidem*). O anónimo caminheiro, filho de rei, casto e formoso, facilmente se associa à figura de Cristo, pela dimensão redentora do sangue, pelo poder milagroso da Palavra.

O *Horto* insiste nesta mensagem: só nos libertamos da lei inconstante da Fortuna pelo despojamento dos bens materiais, pela conversão e pela aspiração à pureza espiritual. A vasta galeria de personagens do *Horto* e principalmente as que têm perfil heroico, porque foram poderosas, realizaram feitos extraordinários, ganharam um lugar na História, são apresentadas em função do contraste entre a fase luminosa da prosperidade e o negro declínio e servem precisamente como demonstração desta doutrina. Dir-se-á que esta temática não apresenta nada de novo, nem de original. Pelo contrário, ela tem, de facto, uma longa tradição literária, filosófica, doutrinal, que vem da Antiguidade clássica e domina toda a Idade Média.

Mas isso não faz do *Horto* um produto cultural tardio ou anacrônico, porque o tema da vida terrena sujeita à instável Fortuna e a libertação pela Divina Providência (e pela Fama, em obras de cariz profano) estará presente ainda ao longo de todo o séc. XV na literatura ibérica, em obras de poetas e intelectuais portugueses, como é o caso do Condestável D. Pedro na *Tragedia de la Insigne Reyna doña Isabel* (1457) e nas *Coplas del menosprecio e contempto de las cosas hermosas del mundo* (1453-1454) e ainda de castelhanos como Juan de Mena em *Laberinto de Fortuna*, mais conhecido como *Las Trescientas* (1444), e Jorge Manrique com as belíssimas *Coplas por la muerte de su padre* (1476), que o haviam de immortalizar, e onde avulta a imagem da Fortuna:

[XI]

Los estados e riqueza,
 que nos dexan a deshora
 quien lo duda?
 non les pidamos firmeza,
 pues que son d'una señora;
 que se muda,
 que bienes son de Fortuna
 que revuelven con su rueda
 presurosa,
 la cual non puede ser una
 ni estar estable ni queda
 en una cosa.

(Manrique, 2008: 153-154)

E terminamos assim esta nossa breve reflexão sobre o percurso de algumas figuras exemplares do *Horto do Esposo*, sublinhando o que nos parece ser mais relevante: a convicção de que o seu autor compôs o livro em perfeita harmonia e consonância com as tendências culturais e filosóficas do seu tempo, recuperando tópicos com uma vasta tradição anterior, como são os que aqui vimos abordados a propósito das vidas destes heróis – a fugacidade das coisas terrenas, o desprezo do mundo, o carácter exemplar das ‘caídas’ de grandes personagens – que estarão no centro de obras da literatura portuguesa e castelhana ao longo do século XV.

Referências

- ASKINS, L-F. Arthur; DIAS, Aida Fernanda; SHARRER, Harvey L. (2002), *Fragments de Textos Medievais Portugueses da Torre do Tombo*, Lisboa, Instituto dos Arquivos Nacionais/ Torre do Tombo.
- DUBY, Georges (1979), *Saint Bernard. L'Art Cistercien*, Paris, Flammarion.
- FERNANDES, Raúl Cesar Gouveia (2001), "A pedagogia da alma no *Orto do Esposo*", in Lênia Mongelli (coord.), *A Literatura Doutrinária na Corte de Avis*, S. Paulo, Martins Fontes, pp.51-105.
- FONSECA, Luís Adão da (1982), *O condestável D. Pedro de Portugal*, Lisboa, INIC.
- MALER, Bertil (ed.) (1956), *Orto do Esposo*, Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro [vols. I e II].
- _____ (ED.) (1964), *Orto do Esposo*, Estocolmo, Almqvist e Wiksell [vol. III].
- MANRIQUE, Jorge (2008), *Poesía*, Madrid, Cátedra.
- MARTINS, Mário (1948), "À volta do Orto do Esposo", *Brotéria*, t. XLVI, pp.164-176.
- MATTOSO, José (2002), *Obras Completas. Religião e Cultura na Idade Média Portuguesa*, Lisboa, Círculo de Leitores.
- NUNES, Elisa Rosa Pisco (1987), *Da imagem do Rei no Orto do Esposo. Contribuição para um estudo da personagem do rei na literatura da Idade Média*, Universidade de Évora.
- NUNES, Irene Freire (ed.) e GODINHO, Helder (coord.) (2007), *Horto do Esposo*, Lisboa, Colibri. [edição citada sob título abreviado da obra como referência: *Horto*]
- PEREIRA, Paulo Alexandre (2007), "Uma Didáctica da Salvação: o *Exemplum* no *Horto do Esposo*", *Horto do Esposo*, Lisboa, Colibri, pp. LIII-LXXXVI.
- ROSSI, Luciano (1979), *A literatura novelística na Idade Média*, Lisboa, Instituto de Cultura Portuguesa.
- SENA, Jorge de (1979), *O Físico Prodigioso*, Lisboa, Edições 70.

[Recebido em 7 de junho de 2014 e aceite para publicação em 8 de outubro de 2014]